

## SOBRE O "ROESSLER" E O "KAA-ETÉ": DOIS MOVIMENTOS AMBIENTAIS ESCOLARES<sup>1</sup>

*Maria C. Braun\*, Eunice A. I. Kindel\*\*, Leandro B. Guimarães\*\*\**

### RESUMO

O artigo aborda as condições históricas do surgimento e desenvolvimento de dois movimentos ambientais escolares, um na cidade de Novo Hamburgo e outro em Porto Alegre e as visões sobre o ambiente "materializadas" nas práticas de tais movimentos. As autoras e o autor desenvolvem o estudo a partir da perspectiva da "epistemologia social histórica" postulada por Popkewitz (1995, 1997), que implica escapar das interpretações unilaterais, lineares, progressivas, bem como deixa de atribuir a mudança unicamente aos motivos ou convicções de personagens históricos. Nesta direção, o estudo busca evidenciar as rupturas e as discontinuidades na história desses movimentos articulada as outras tramas sociais. Busca examinar nas "histórias orais", como as práticas sociais e as subjetividades são construídas na estruturação da vida social.

**Palavras-chave:** Epistemologia Social Histórica; Movimentos Ambientais Escolares; Discursos; Práticas Sociais; Subjetividades Constituintes e Constituídas.

### ON "ROESSLER" AND "KAA-ETÉ": TWO SCHOOL ENVIRONMENTAL MOVEMENTS

This article analyses the emergence and development of two school environmental movements in two different cities, Porto Alegre and Novo Hamburgo, and the perception of environment as it is "materialized" in the practices of those movements. In this study, the authors have adopted the perspective of the "historical social epistemology" put forward by Popkewitz (1995, 1997). This perspective not only avoids unilateral, linear, progressive interpretations, but also refuses to attribute changing only to the reasons or convictions of historical characters. In accordance with this kind of approach, this study tries to demonstrate the ruptures and discontinuities in the history of those movements connected

\* Bióloga e professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo/RS. Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: mbraun@pro.via-rs.com.br

\*\* Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: eunicek@edu.ufrgs.br

\*\*\* Biólogo e Professor da rede privada de ensino fundamental em Porto Alegre. Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: leandro@lies.edu.ufrgs.br

with other social webs. It also seeks to analyse, through oral accounts, how social practices and subjectivities are built in the structure of social life.

**Key Words:** Historical social Epistemology; School Environmental Movements; Discourse; Social Practices; Constituent and Constituted Subjectivities.

---

## APRESENTAÇÃO

Este estudo faz parte do projeto "As dimensões epistemológica e cultural e o processo de produção e seleção do conhecimento escolar em ciências naturais", desenvolvido na disciplina de Prática de Pesquisa em Educação,<sup>2</sup> sob coordenação da Prof<sup>a</sup> Dra Maria Lúcia Wortmann. Ocupa-se com as condições históricas que permitiram a emergência e o crescimento de dois movimentos ambientais escolares, na década de 70.

Trabalhamos a partir de uma perspectiva histórica que busca descontinuidades, rupturas e que não centra a análise em personagens – vultos – ou em suas ações. Essa perspectiva de investigação tem seu suporte teórico nos trabalhos de Popkewitz (1995, 1997) e, de certa forma, é pouco freqüente nos estudos sobre as ciências. Através deste referencial, examinamos a história dos dois movimentos ambientais buscando "desvendar" uma rede de tramas e de relações de poder que poderiam não aparecer em uma investigação historiográfica, mais usual nos estudos sobre a ciência.

Nossa fonte de pesquisa, para trabalhar nessa perspectiva histórica, foram os relatos orais, que representam uma forma de recuperar a experiência de vida de quem lá havia estado, um modo de recriar as histórias locais com e em torno dessas pessoas que a vivenciaram, ou dela ouviram falar. Além do mais, conforme Larrosa (1995, p.48) "as narrativas pessoais estão construídas em relação às histórias que escutamos, que lemos e que, de alguma maneira, nos dizem respeito na medida em que estamos compelidos a produzir nossa história em relação a elas". Dessa forma, procuramos construir problematizações a partir das falas das/os entrevistadas/os que, de acordo com Louro (1993), visa estabelecer relações e articulações entre fatos, sujeitos e dimensões de um estudo.

## CONTEXTO HISTÓRICO NO SURGIMENTO DE MOVIMENTOS AMBIENTAIS ESCOLARES

Na perspectiva das condições históricas dentro das quais predominam determinados discursos, examinamos o surgimento de dois movimentos ambientais escolares, um na cidade de Novo Hamburgo e outro na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do RS. Trabalhar nesta perspectiva, conforme Meyer (1997, p. 11) "implica escapar das interpretações unilaterais, lineares e progressivas, onde objetivamente se encadeiam fatos, acontecimentos e interesses determinados, de forma que se esgotam as possibilidades de reverter/reinventar o processo de construção histórica" e problematizar

"a história do desenvolvimento dessas práticas não como uma história cronológica dos avanços progressivos ou de uma progressão seriada, mas a de um tempo que passa com mil ritmos diferentes, suave e lento, que não mostra quase nenhuma relação com o ritmo do dia-a-dia de uma história cronológica ou tradicional" (Braudel, apud Popkewitz, 1997, p. 36). Significa em outras palavras "olhar" estes movimentos como ruptura dos padrões de regulação social e "desestabilizadores dos discursos hegemônicos",<sup>3</sup> sem atribuir essas mudanças aos motivos ou convicções de personagens históricos. Para Popkewitz (1997) a preocupação histórica descentra os atores particulares, a fim de interpretar como as práticas sociais e as subjetividades são constituídas na estruturação da vida social.

O exame dos movimentos ambientais nessa perspectiva, busca os entrelaçamentos entre as mudanças nas visões de preservação e as ações nas práticas regionais, onde a vida social está sendo estruturada. Os dois movimentos pesquisados apresentam vários aspectos em comum, que direcionaram a escolha dos mesmos à análise. Ambos foram movimentos liderados por alunas e alunos de 2º grau, com apoio de alguns/mas professores/as, surgiram praticamente no mesmo contexto histórico e em torno de causas semelhantes - os problemas ambientais. O Movimento Roessler foi fundado em 16 de junho de 1978 na Escola Fundação Evangélica de Novo Hamburgo e o Movimento Kaa-eté em 30 de abril de 1979 na Escola Estadual Júlio de Castilhos de Porto Alegre.

O contexto histórico estudantil desse período, principalmente nas universidades públicas, era pela rearticulação dos movimentos sociais, pela luta por uma "anistia ampla, geral e irrestrita", pela conquista da mais ampla liberdade política e pelo fim do regime ditatorial. Os ecos desse movimento também chegavam nas escolas secundaristas. Após cerca de quinze anos de regime ditatorial, da Lei de Segurança Nacional que criminalizava as idéias políticas e impedia a livre organização do povo, dos Atos Institucionais,<sup>4</sup> dos delitos políticos, das guerrilhas urbana e rural como organizações de resistência ao governo militar ditatorial, os movimentos estudantis retomavam cautelosamente a organização e a participação nas lutas pela reconstrução do Estado democrático e conquistas dos direitos civis.

### UM POUCO DA HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS AMBIENTAIS ESCOLARES

Neste contexto surgem esses dois movimentos ambientais escolares,<sup>5</sup> com uma "cara" diferente de um movimento de política estudantil. Uma das questões emergentes que aglutinaram esses alunos e alunas na formação dos movimentos foram problemáticas ambientais distantes, divulgadas pelos meios de comunicação.

Na Escola Fundação Evangélica de confissão luterana em Novo Hamburgo, o fenômeno na praia do Hermenegildo<sup>6</sup> em 1978, mobilizou um grupo de alunas/os da disciplina de ecologia<sup>7</sup> na coleta de assinaturas de um abaixo-assinado, proveniente das entidades ambientais de Porto Alegre, exigindo do governo do Estado um esclarecimento das causas deste problema ambiental. Este abaixo-assinado foi passado pela escola e

entremado na comunidade através de uma banca na tradicional Feira Nacional do Calçado - FENAC.<sup>8</sup> Destacando-se o número de assinaturas arrecadadas nesse abaixo-assinado, esses/as alunos/as receberam a visita da ambientalista Magda Renner da ADFG – entidade ambiental de Porto Alegre, incentivando este grupo a fundar uma ONG.

O professor da disciplina de ecologia era o ex-diretor da escola,<sup>9</sup> demonstrava ter grande sensibilidade com o ambiente e, também, interesse pelos estudos da conservação da natureza. Foi amigo pessoal de Henrique Luís Roessler<sup>10</sup> com quem teve grandes ensinamentos de preservação da natureza e pôde, posteriormente, ensinar seus/as alunos/as. Influenciou-os/as diretamente na formação do movimento ambiental escolar que recebeu o nome de Movimento Roessler, em homenagem a quem dedicou a vida à proteção ambiental.

O Movimento Roessler surgiu na escola e à medida que esses alunos/as do terceiro ano do segundo grau saíram da mesma, o movimento ganhou força em outro espaço na comunidade. Segundo o entrevistado, embora o professor da disciplina de ecologia tivesse um influente papel na organização do grupo, não foi mantido esse vínculo para que outros/as alunos/as se filiassem ao movimento na escola.<sup>11</sup> Em 1986, oito anos após a primeira mobilização, a entidade foi oficializada, passando posteriormente a ter sede, funcionário e cerca de 50 associados que efetivamente contribuíam com a anuidade de 20% do salário mínimo. Com esta base organizacional, as atividades do grupo voltaram-se principalmente para questões locais comunitárias, como por exemplo, a luta pela permanência da Praça da Bandeira como espaço público de lazer, ao invés de transformá-la em estacionamento, a campanha pela desapropriação de uma área privada tornando-a um parque público e pela implantação de tratamento de esgoto industrial e, ainda, agregando-se a outros movimentos ambientais na constituição coletiva daquilo que seria a problemática articuladora das ações.

No Colégio Júlio de Castilhos, a emergência do movimento ambiental na escola foi uma iniciativa dos/as alunos/as, motivados/as pelas professoras de Biologia e Geografia. Segundo a professora entrevistada, o surgimento do *Kaa-eté* se deve a três fatores: ao excelente trabalho que vinha sendo feito pela professora de Geografia junto aos alunos, à palestra de Lutzemberger sobre a Amazônia e à greve dos/as professores/as do Estado, em março de 1979. Quando, em abril desse mesmo ano, os/as alunos/as sugeriram a criação de um movimento dentro da escola, tais professoras logo se engajaram na proposta. Para a entrevistada, o *Kaa-eté* era um espaço dos alunos, “dentro de uma ditadura, era um espaço deles”. O nome *Kaa-eté* vem do tupi-guarani, significa mata virgem, influência da palestra de Lutzemberger, em dezembro de 1978, sobre a devastação da Amazônia. Era um movimento escolar por estar alocado dentro do Colégio Júlio de Castilhos, uma das escolas públicas de Porto Alegre com maior história de envolvimento em movimentos sociais, principalmente na época da repressão. As principais ações desenvolvidas pelo *Kaa-eté* eram palestras realizadas na própria escola sobre diversas temáticas: da questão da bomba nuclear até os malefícios do cigarro para a saúde. Os palestrantes eram especialistas convidados/as por alunos/as do

movimento e o público era composto por outros /as alunos/as do Júlio de Castilhos e seus/as professores/as (convidados/as em sala de aula). Também produziam um jornal, regularmente, que era vendido à comunidade escolar para angariar fundos. A participação em passeatas junto a outros movimentos, a pressão política feita na Assembleia Legislativa através de abaixo-assinados ou de visitas ao próprio plenário eram outras das atividades do Kaa-eté.

“O Brasil, imerso no regime ditatorial, na ‘contra-mão’ da tendência internacional de preocupação com o ambiente, mostrava ao mundo o Projeto Carajás, a Usina Hidrelétrica de Tucuruí” (Dias, 1996, p. 428). Em 1979, por ocasião da inauguração da Usina Hidrelétrica de Itaipú, em Foz do Iguaçu, alguns alunos do Kaa-eté participaram de um acampamento, um movimento “contra” a destruição da natureza em busca do crescimento econômico. Havia performance de povos indígenas com os rituais de dança simbolizando a morte, o luto. A participação nesta manifestação e em várias outras junto a movimentos como AGAPAN e ADFG,<sup>12</sup> indicavam o caráter político do movimento embora, como salienta o entrevistado “de uma forma mais protegida” que o Grêmio Estudantil da escola.

Nesse sentido, as atividades do Kaa-eté não eram precisamente práticas curriculares “oficiais”, uma vez que nem todos/as os/as professores/as estavam engajados/as e a participação dos/as alunos/as às diversas atividades era por convite. No entanto, se as atividades iam desde a organização de um arquivo com reportagens de jornais e revistas sobre questões ambientais, divulgação de um mural na escola, confecção de um jornal até a manutenção de um processo eficiente de reaproveitamento de papel na escola, além da organização de palestras com pessoas convidadas e das manifestações públicas junto à ADFG, à AGAPAN, então, certamente, eram práticas escolares/curriculares, embora não “oficiais”.

No “desenredamento” da história de ambos movimentos, percebemos que suas articulações iniciaram na mesma tradição do movimento ambiental conservacionista, sem filiação política-partidária, embora representassem uma movimentação política. Se de uma forma, o contexto histórico tornava suspeita qualquer articulação de grupo, de outra, os problemas ambientais se constituem tanto nas “tramas” das práticas racionalistas da ciência, até nas políticas públicas de administração governamental. Então, os questionamentos levantados por tais “movimentos” representavam a resistência dos estudantes ao regime político e às formas de governo da época; ou seja - uma ação política.

### QUE DISCURSOS AMBIENTAIS CIRCULAVAM?

As práticas sociais enquanto produtoras de regulações, criam hábitos, comportamentos e padrões de consumo. “Se o homem é o modelador da tecnologia, uma vez que a tecnologia exista, ela modela o homem: o homem torna-se, por assim dizer, os órgãos sexuais do mundo da máquina... capacitando-o a fecundar e evoluir constantemente para novas formas” (Lenoir, 1997, p. 50). Entretanto, se de uma forma

está havendo uma fantástica evolução tecnológica, Dias (1996) argumenta que a humanidade vem experimentando, nas três últimas décadas, perdas acentuadas de qualidade de vida, causadas pela degradação ambiental global, produzida pela adoção de modelos de desenvolvimento econômico predatórios e geradores de desigualdades sociais. A emergência desse discurso na década de 60 e 70 foi pontuada pelo relatório do Clube de Roma<sup>13</sup> publicado em 1972 e nomeado "Os Limites do Crescimento". Os autores do estudo professavam a seguinte questão:

*que acontecerá se o desenvolvimento econômico, para o qual estão sendo mobilizados todos os povos da terra, chega efetivamente a concretizar-se, isto é, se as atuais formas de vida dos povos ricos chegam efetivamente a universalizar-se? A resposta a essa pergunta é clara, sem ambigüidades: se tal acontecesse, a pressão sobre os recursos não renováveis e a poluição do meio ambiente seriam de tal ordem (ou, alternativamente, o custo do controle de poluição seria tão elevado) que o sistema econômico mundial entraria necessariamente em colapso (Furtado, 1974, p. 19).<sup>14</sup>*

Os discursos ambientais conservacionistas e alarmistas sustentados pelas profecias do Clube de Roma atraíam/atraem as pessoas abnegadas pela preservação ambiental. À medida, entretanto, que o processo democrático no país foi sendo conquistado na década de 80, pela articulação dos movimentos sociais a favor das *diretas-já*, entre outras lutas, esses movimentos ambientais escolares e outros movimentos ecológicos também se posicionaram favoravelmente ao processo de redemocratização política. Esta "tomada de posição" dos discursos ecológicos, representou uma "resposta" à pressão social do contexto da época, configurando-se assim, numa ação mais política. Os discursos emergentes neste período referiam, então, "às questões ambientais não apenas como o estudo de flora e fauna e relações ecológicas, mas passaram a privilegiar os aspectos políticos, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos, culturais, ecológicos e éticos"<sup>15</sup>.

Para Foucault (in Popkewitz, 1997), o poder está na forma como as pessoas recebem conhecimento e o usam para intervir nas relações sociais. E, também, para Popkewitz (1997), o poder circula através da macroestrutura do estado e da microestrutura do indivíduo. Assim, quando analisamos sob esse enfoque, as relações de poder dentro do movimento ambiental podemos perceber como alguns personagens constituem os problemas ambientais pela forma como trabalham com eles. E a forma como os problemas ambientais são construídos determina se o desmatamento na Amazônia, a contaminação da praia do Hermenegildo, a alimentação alternativa ou a reciclagem de papel farão parte das discussões e problematizações em determinado momento. Dessa forma, movimentos como o Kaa-eté e o Roessler englobam esses discursos na sua luta cotidiana. Nas falas das pessoas que participaram desses movimentos, ficam evidentes as relações de poder dentro do próprio movimento como um todo. AGAPAN e ADFG aparecem como os movimentos mais fortes, mais atuantes.

Tanto é assim que outros movimentos surgem por influência ou dissidências desses. A UPAN, por exemplo, segundo o entrevistado do Movimento Roessler, surge como um núcleo da AGAPAN em São Leopoldo, embora a própria AGAPAN tivesse sua origem nesse mesmo município tendo, posteriormente, sido levada para Porto Alegre.<sup>16</sup> O Kaa-eté se apóia intensamente na atuação da ADFG, estando mais vinculado a ela do que à AGAPAN. Já o Movimento Roessler surge em uma instituição escolar de confissão luterana influenciado pela ambientalista Magda Renner da ADFG e posteriormente apoiado pela UPAN.

Em muitos momentos parece haver um discurso comum entre todos os movimentos, como na questão, por exemplo, da praia do Hermenegildo. Em outros, cada movimento assume seu próprio discurso, “constrói” seu problema ambiental. São, dessa forma, discursos que se entrelaçam apenas em algumas circunstâncias.

Com certeza, não eram questões regionais que aglutinavam todos os movimentos, não era a luta contra a poda de árvores, nem a reciclagem de papel, nem a alimentação alternativa. Maravall (in Popkewitz, 1997) fala de uma mentalidade coletiva coesiva associada a valores sociais, aspirações, crença, mitos, estilos de vida e comportamentos. Se pensarmos o movimento ambiental gaúcho como um todo esta mentalidade coletiva é resultado da ação e dos discursos de uma série de personagens que se interconectam e que se unem quando suas aspirações de mudança são as mesmas. Muitas vezes AGAPAN, ADFG, Kaa-eté, Movimento Roessler estiveram juntos em manifestações, quando a “construção” do problema ambiental era coletiva. Muitas vezes estiveram separados quando cada um construía seu próprio problema, um problema mais localizado, com conseqüências mais restritas. Dessa forma, o Movimento Roessler se envolve nas questões de recuperação de áreas degradadas de Novo Hamburgo, na luta contra a construção de um estacionamento em uma área de praça, desapropriação de área para um parque e o Kaa-eté com questões relativas ao reaproveitamento de papel e alimentação alternativa, hortas domésticas apoiados em direcionamentos da ADFG, considerada uma entidade mais forte.

### QUEM ERAM AS PESSOAS E DE QUE FORMA SE ENVOLVIAM NO MOVIMENTO?

Para Popkewitz (1997), ao conceito de mudança estão associados padrões estruturais que servem de alicerce à vida social, que impõem algumas regularidades. Mas embora tais alicerces determinem direcionamentos, há uma multiplicidade de possibilidades e escolhas. Se pensarmos os movimentos ambientais como espaços que buscam mudanças (sociais, ambientais) poderemos identificar algumas “estruturas” do movimento nas figuras de Henrique Roessler, José Lutzemberger e Magda Renner, como alicerçando vários movimentos, “construindo” problemas ambientais e propagando discursos de mudança.

Dessa forma, movimentos como o “Roessler”, fortemente influenciado pela figura de Henrique Roessler e o Kaa-té criado por influência de Lutzemberger e ambos apoiados

pela ADFG, dirigida por Magda Renner, aparecem como uma das multiplicidades possíveis de movimentos dentro dessa estrutura determinante. De qualquer forma, para Popkewitz (1997, p. 51) "não há heróis individuais, liberdade ou fatos únicos em nenhum sentido absoluto". E, portanto, não estamos aqui considerando esses personagens desvinculados do momento histórico do movimento como um todo.<sup>17</sup> Mas embora tenham influenciado vários outros movimentos, servindo de alicerce a várias práticas de proteção ao ambiente, as várias iniciativas escolares de problematização e ação, não são os vultos únicos desta história, há muitos outros que com ações muitas vezes mais "singelas" estiveram também engajados em diversos movimentos. Segundo o entrevistado, a idéia que se tinha dessas pessoas é de que eram pessoas abnegadas, que tinham o movimento ambiental acima de qualquer ideologia político-partidária, de que era uma luta bem maior do que qualquer outra.

Perece-nos que o fato de "aparentemente" não estarem vinculados a nenhum partido político, permitiu que muitos movimentos pudessem trabalhar de certa forma "independentes" do período de ditadura instaurado no país. A "crença" de que os militantes dos movimentos ambientais não tinham ideologia político-partidária permitiu que a imprensa começasse a dar espaço a discursos como o de Lutzenberger e Magda Renner, havendo grande fortalecimento dos movimentos na época. No caso dos movimentos que se desenvolviam (emergiam) dentro das escolas, como é o caso do Kaa-eté e do "Roessler", parece que tal crença era mais forte ainda, uma vez que o "olhar" fiscalizador do estado ditatorial estava muito mais presente sobre os grêmios estudantis, conhecidos focos de resistência ao regime militar.

### O "ROESSLER" SAI E O "KAA-ETÉ" FICA - O "ROESSLER" CONTINUA E O "KAA-ETÉ" ENFRAQUECE

É possível evidenciar nestes movimentos ambientais, ao serem examinados na perspectiva pós-estruturalista, "(...) as condições de poder contidas nestas construções e as continuidades e descontinuidades que fazem parte da sua construção" (Popkewitz, 1997, p. 24). As circunstâncias políticas durante a emergência destes movimentos criaram "condições de possibilidades" para que um dos movimentos permanecesse na escola e o outro buscasse espaço em outras instâncias sociais. Em tal contexto histórico, certas regularidades, limites e alicerces à vida social, tornavam "inadequado" ou "comprometedor" a permanência de um movimento, em certo sentido, "contestador da ordem estabelecida" numa escola particular que se destacava na orientação para o disciplinamento e formadora de boa conduta de acordo com os princípios religiosos. De outra forma, a escola pública com tradição histórica no envolvimento nas lutas sociais constituía um "solo fértil" para o surgimento e implementação de tal movimento como o Kaa-eté.

Entretanto, de acordo com o entrevistado do Movimento Roessler, após a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento e o Meio Ambiente (Rio-92) os movimentos ecológicos brasileiros e mundiais entraram em crise pela absorção



do discurso ecológico por todos os setores da sociedade, desde indústrias à expansão de muitas ONGs disputando recursos para as mais diversas práticas de cunho ambiental. Neste sentido, a educação ambiental passou a ser uma forte bandeira da luta ecológica, na tentativa de formar uma infância e uma juventude comprometidas com as questões ambientais. O enfoque parece ter sido deslocado do ataque primeiro a macroestrutura do Estado e de outras instâncias de administração, para a microestrutura do indivíduo, nas suas ações cotidianas como indivíduo. No entanto, continua sendo uma tentativa de resistência às formas de regulação estabelecidas pelos padrões hegemônicos de pensamento.

### OS MOVIMENTOS AMBIENTAIS CONSTITUINDO OS SUJEITOS...

"Então tem essa coisa do Kaa-cté ser importante na minha formação como pessoa, tem marcas muito profundas..."<sup>18</sup>

Poderíamos pegar essa fala para pensar, conforme nos diz Larrosa (1995), em como as práticas pedagógicas estabelecem, regulam e modificam as relações do sujeito consigo mesmo, constituindo suas "experiências de si". Larrosa ainda fala que o dispositivo pedagógico, ao mesmo tempo, produz e regula os textos de identidade e a identidade de seus autores. Nesse sentido, tanto os sujeitos constituíram o "Kaa-cté" e o "Roessler", como foram constituídos por eles, por suas ações pedagógicas. Dentro dos "movimentos" foram produzidas as experiências de si, as múltiplas identidades possíveis dos sujeitos - a cada momento (Hall, 1997).

Quem constitui e quem é constituído? Hall (1997) falando dos vários movimentos sociais que surgem na década de 70, diz que cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores e isso constitui o que se chama de política de identidade (uma identidade para cada movimento). Sendo assim, os movimentos ambientais que analisamos, a nosso ver, foram constituídos pelos sujeitos que por ali passaram mas, mais do que isso, produziram esses sujeitos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIAS, Genebaldo. Elementos de História da Educação Ambiental no Brasil, e o seu papel atual numa sociedade em processo de globalização. Brasília: *Universa*, v. 4, n. 3, p. 425-444, out. 1996.
- FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974 (cap. I).
- GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* Rio de Janeiro: Codecri, 1979.
- HALL, Stuart. *Identities culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). *O Sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LENOIR, Timothy. Registrando a ciência: os textos científicos e as materialidades da comunicação. Porto Alegre, *Episteme*, UFRGS v. 2, n. 4, p. 33-53, 1997.
- LOURO, Guacira. Histórias da educação no Rio Grande do Sul na perspectiva do gênero. Porto Alegre: FAFED/UFRGS, 1993. (projeto de pesquisa).

- LUKE, Allan. Text and Discoursi in Education. In: *Na Introduction to Cultural Discoursi Analysis. A Review at Research in Education*, n. 21, p. 3-48.
- MEYER, Dagmar. Formando professores e professoras teuto-brasileiro-evangélicos(as) no RS - 1909/1939. (proposta de Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS), 1997.
- POPKEWITZ, Thomas S. História do Currículo, Regulação Social e Poder. In: Tomaz Tadeu da Silva (org.) *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- . Reforma educacional - uma política sociológica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SANTOS, Nilton (org.). *História da UNE - depoimentos de ex-dirigentes*. São Paulo: Editorial Livramento, 1980. p.109-112.

## AGRADECIMENTOS

Devemos agradecimentos especiais à professora Ruth Bulhões, ao ambientalista Arno Kayser e ao professor Luís Henrique Sacchi, por suas "histórias orais", analisadas aqui com o nosso olhar...

## NOTAS

- 1 Este artigo é uma versão ampliada do estudo intitulado "A história dos movimentos de preservação ambiental desenvolvidos nas escolas de Porto Alegre e Novo Hamburgo, RS", apresentado na Mesa Redonda: a História da Ciência e a Investigação em Educação em Ciência - coordenada pela professora Dra. Maria Lúcia Wortmann, durante o Seminário "FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS: I ENCONTRO DO CONE SUL", no dia 5 de maio de 1998, na UFRGS - Porto Alegre/RS.
- 2 Disciplina do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS.
- 3 Bakhtin (apud Luke) atribui à análise do discurso crítico um potencial desestabilizador dos "discursos autorizados" nas culturas contemporâneas, por "desnaturalizar" as formações sociais e as relações de poder como se fossem o produto da necessidade orgânica, biológica e essencial.
- 4 O Ato Institucional N.5, decretado em 13 de dezembro de 68, foi um golpe dentro do golpe, um golpe de misericórdia na caricatura de democracia. A censura à imprensa era total e toda a luta de resistência era clandestina (Gabeira F., 1979, p. 93). ...1968 foi um dos períodos mais negros de nossa história, um período que além do AI-5, do decreto lei 477, da censura prévia, (...) movia-se uma repressão mais violenta que nunca a quaisquer de nossas iniciativas. Na maioria das escolas as assembléias eram proibidas, eram tidas como atentado à segurança nacional. (...) dezenas de opositoristas foram assassinados nos cárceres da ditadura, milhares foram presos e torturados (...). História da UNE, 1980, p. 110.
- 5 Para a realização dessa pesquisa entrevistamos algumas pessoas que participaram ou participam desses movimentos ambientais escolares; entre as quais, o biólogo/mestre em educação pela UFRGS, Luís Henrique Sacchi, participante e coordenador do Movimento Kaa-eté entre 1984-87, quando estudante do Colégio Estadual Júlio de Castilhos; a professora aposentada Ruth Bulhões, integrante e coordenadora do grupo Kaa-eté entre 1979-92 e professora de Biologia do Colégio Júlio de Castilhos; o engenheiro agrônomo e ecologista Arno Kayser, integrante do Movimento Roessler desde 1984 e presidente da entidade a partir de 1992.
- 6 Este fenômeno referiu-se a um misterioso caso de intoxicação e morte de animais no sul do Estado que até hoje não se sabe as reais causas. A hipótese mais sustentada é a da maré vermelha.

7. A partir de 1974, a Fundação Evangélica, aberta às recomendações da Conferência da ONU sobre Ambiente Humano em Estocolmo/1972, adota a disciplina de ecologia para todos alunos do 3º ano do 2º Grau, orientando para a preservação e melhoria do ambiente humano.
8. Nesta Feira do Calçado em Novo Hamburgo, um evento com ampla participação de calçadistas do Brasil e exterior, o grupo de alunos/as não somente coletou assinaturas como também manifestou seu protesto contra a ditadura militar. Com a visita do então presidente Geisel, enfrentaram repressão da polícia.
9. Refere-se ao professor Kurt Schmeling.
10. Henrique Luís Roessler, além de ter sido profissional de contabilidade, dedicou-se voluntária e gratuitamente à fiscalização da caça e pesca e da depredação da flora, tornando-se um ecologista de destaque nacional. Escreveu 301 crônicas semanais sobre temáticas ambientais, publicadas no Correio do Povo entre 1957 e 1963, através das quais conquistou adeptos, admiradores e inimigos. Nasceu em Porto Alegre no dia 16 de novembro de 1896 e faleceu em 8 de novembro de 1963 (do livro: Henrique Luís Roessler - O Rio Grande do Sul e a Ecologia - Prefácio).
11. O prof. Schmeling, conforme Arno Kayser, dizia que "seu papel era dar o início e depois se retirar".
12. Movimentos Ambientais de Porto Alegre com atuação reconhecida nacionalmente.
13. O Clube de Roma criado em 1968 por um grupo de trinta especialistas de diversas áreas (economistas, pedagogos, humanistas, industriais e outros) tinha como objetivo promover a discussão da crise da época e o futuro da humanidade (Dias, 1996, p. 429).
14. O economista Celso Furtado (1974, p.19) salienta que embora não encontre no relatório do Clube de Roma qualquer preocupação com respeito à crescente dependência dos países altamente industrializados dos demais países, e muito menos com as conseqüências para estes últimos do uso predatório pelos primeiros de tais recursos, (...) (tal "Clube") reconhece o caráter predatório do processo de civilização (...) engendrado pela revolução industrial que provoca na maioria dos casos, processos irreversíveis de degradação do mundo físico.
15. Recomendações da Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental realizada em Tbilisi (ex-União Soviética) em 1975. Ver Dias (1996).
16. A transferência da entidade para Porto Alegre, teve influência do ambientalista Augusto Carneiro, conforme salienta o ambientalista Arno Kayser.
17. O entrevistado do Kaa-eté considera algumas dessas pessoas como a vanguarda da luta ambiental daquele período, uma vez eram elas, mais Hilda Zimmermann, Giselda Castro, entre outros/as que estavam a frente do forte movimento ambientalista gaúcho.
18. Fala do entrevistado do movimento Kaa-eté.